Ilustrações de Isabelle Follath

BETHANY e a BESTA

A VINGANÇA DA BESTA

JACK MEGGITT-PHILLIPS

NUVEM DE LETRAS

O Início Bestial

Quando Ebenezer Tweezer tinha onze anos, o mundo era muito mais novo.

Em vez de carros, havia cavalos e carruagens nas ruas. No lugar de telefones e computadores, usava-se cartas e gritos esperançosos para comunicar.

Não havia isso das fotografias, e, portanto, se se era do tipo de gostar de captar o momento sempre que se usava uma roupa fixe ou se comia uma refeição toda bonitinha, era preciso andar por aí acompanhado do retratista pessoal. Nesse tempo, «eletricidade» não passava de uma palavra disparatada, o que queria dizer que só se podia ler livros depois de escurecer se se tivesse uma grande coleção de velas.

Resumindo, era uma altura mesmo má para se viver. E, para o pobre Ebenezer, era especialmente má, pois ele era um miúdo muitíssimo impopular.

É difícil dizer o que o tornava assim tão impopular. Talvez fosse por ter umas expressões muito arrogantes, ou talvez tivesse que ver com o facto de as suas roupas serem sempre muito extravagantes — cheias de folhos e padrões coloridos.

Fosse qual fosse a razão, era evidente que os outros miúdos não gostavam de Ebenezer. Nunca o convidavam para os banquetes, os torneios de bobos, nem as idas ao teatro, mas isso não o impedia de aparecer sem ser convidado. Na verdade, Ebenezer passava a maior parte das suas tardes a rondar a Empadaria Muddlington, pois sabia que, de vez em quando, os miúdos se juntavam ali e faziam concursos para ver quem comia mais empadas.

A maior parte das vezes, Ebenezer passava dias inteiros em frente à empadaria e não apareciam miúdos nenhuns. Nessas alturas, treinava as suas competências de conversação a falar com a parede. Dizia coisas como:

— Então, estamos a ter um belo dia?

Ou:

— Já viram a nova comédia do Willy Qualquercoisa? Não, eu também não percebi as piadas.

E:

— É uma treta, isto da peste, não é?

Geralmente, a parede não tinha nada a dizer. Contudo, Ebenezer não se importava, pois encarava todas estas conversas a um como uma preparação para as verdadeiras conversas. Tinha a certeza de que, se acertasse no tema, ou usasse o número certo de folhos na camisa, os outros miúdos iriam deixá-lo juntar-se-lhes na diversão das empadas.

Num desses dias, quando estava emboscado no exterior da empadaria, Ebenezer apercebeu-se de um tumulto na praça. O arauto da vila tinha acabado de publicitar as pechinchas disponíveis na retrosaria da mulher e anunciava agora algo num tom urgente. Ebenezer não conseguiu perceber as palavras, porque o tumulto e a vozearia na rua eram demasiado ruidosos.

Homens de expressão muito séria, com capas escarlates e meias verdes ridículas, desmontavam dos seus cavalos. Traziam todos uma trombeta na mão, como se fosse uma arma, e os rostos carregados de apreensão.

— Tu aí, rapaz! — gritou um deles. Ebenezer viu que na sua capa havia uma insígnia com os dizeres *Agência Local e Internacional para a Caça de Energúmenos*. — Viste a criatura mais mortífera que alguma vez atormentou esta terra?

Ebenezer tinha a certeza de que se lembraria de uma tal criatura, mas era uma criança bem-comportada e queria ser o mais prestável possível. Demorou cerca de doze segundos a passar em revista as suas memórias.

— Não, estou quase certo de que não vi — respondeu, por fim. — Andam a brincar às escondidas? Ainda ninguém me disse para brincar, mas não me parece que seja correto estar a pedir ajuda.

— Isto não é nenhuma brincadeira, rapaz! Se não apanharmos a criatura antes de ela recuperar a força, sabe-se lá o que poderá acontecer — explicou o homem da capa.

— Oh, céus! — exclamou Ebenezer. — Quem me dera poder ajudar. Mas, como disse, não me cruzei com nenhuma criatura. Lamento.

O homem-de-capa pareceu ter interpretado aquela observação como um insulto pessoal. Regressou carrancudo ao seu cavalo e afastou-se de Ebenezer a trote. Os restantes homens-de-capa-e-meias prosseguiram a busca — irrompendo em estabelecimentos e fazendo perguntas severas —, mas a atenção de Ebenezer depressa foi atraída por outra coisa, quando topou três miúdos a aproximarem-se da empadaria.

— Ouvi dizer que a apanharam na cave da Lady Morgana. Ao que parece, estava a escondê-la há séculos da Agência — vinha a dizer Nicholas Nickle, um rapaz desagradável com uma cara convenientemente desagradável.

— Ninguém vive séculos, e é óbvio que isso não é verdade, querido irmão — disse a claramente não-querida irmã de Nicholas, Nicola Nickle. — *Eu* ouvi dizer que dantes a criatura tinha o tamanho de uma pequena colina, até

a Agência lhe dar uma trombeta a comer. Uma das vizinhas da Morgana disse que viram a criatura desinchar como um balão e sair da casa com um sopro ruidoso.

— EU QUERO UMAS MEIAS! — disse Nicco Nickle, o mais novo da detestável família.

Os Nickle eram geralmente vistos pela vizinhança como uma ameaça, mas Ebenezer não se podia dar ao luxo de ser esquisito com amizades. Quando eles se aproximaram, Ebenezer ajeitou os folhos da camisa e tentou recordar-se dos seus treinos de conversa de circunstância.

— É uma treta, isto da comédia do Willy, não é? Não, também não percebi nada da peste — disse Ebenezer. Franziu o sobrolho. — Esperem lá, acho que posso ter misturado as coisas.

Os rostos dos Nickle iluminaram-se. Ebenezer confundiu isto com uma expressão de amizade, por isso, o seu rosto iluminou-se também.

— Ora, ora, ora… vejam só quem está aqui para levar mais pancada. É o Ebenoozer Looooooseerrrr em pessoa — disse Nicholas.

— Adoro quando me chamas isso — disse Ebenezer, completamente a sério. — Li algures que as alcunhas são muito importantes para o fortalecimento da amizade.

— Nós não somos amigos, Ebenooozer. Pensei que da última vez te tínhamos mostrado o que acontece quando nos chamas isso — disse Nicholas.

— Hum? Oh, sim, aquele jogo em que me perseguem, enquanto atiram paus e pedras, é muito divertido — disse Ebenezer. — Mas talvez desta vez possamos apenas conversar um pouco? A parede e eu temos treinado muitas horas.

No entanto, depressa se percebeu que os Nickle não estavam com disposição para uns momentos de conversa animada. Desataram os três a correr atrás de Ebenezer, perseguindo-o pela praça e através dos campos que levavam às traseiras da casa dele. Lançaram-lhe nomes, insultos e, de quando em vez, uma pedra à nuca.

Ebenezer não tinha problemas em correr mais do que eles, pois fora abençoado com um par de pernas compridas e desengonçadas. Enquanto corria, tentou convencer-se de que se tratava de mais um jogo, apesar de, lá no fundo, saber que não era bem assim. Como toda a gente, os Nickle tinham antipatizado logo com Ebenezer, e ele não podia fazer nada quanto a isso. Não havia compras de camisas, nem conversas com paredes que os fizessem gostar dele ou respeitá-lo.

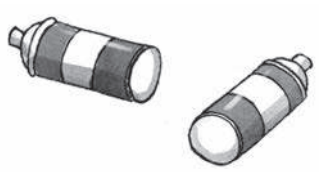
Mas, então, enquanto corria o último trecho, pisou algo mole e húmido. Olhou para a sola do sapato e viu que a coisa mole e húmida era um borrão cinzento do tamanho de uma minhoca. Examinando aquilo com maior atenção, distinguiu três olhos pretos, duas línguas pretas e uma boca babosa. Tinha um conjunto de membros minúsculos e um hálito que fedia a couves cozidas.

— *Ajuda-me* — pediu a coisa mole e húmida quando ele a arrancou da sola do sapato.

Ebenezer ficou tão chocado ao ouvir a voz que deixou cair a coisa mole e húmida. Todavia, pegou-lhe de novo rapidamente e limpou as partículas de pó que se lhe tinham agarrado aos olhos.

— Lamento imenso — disse ele. Ao olhar para aquela coisa mole e húmida, percebeu que tinha nas mãos algo extraordinário. Durante uns segundos, ficou só ali de pé a fitá-la, mas, depois, lembrou-se das suas boas maneiras. — Chamo-me Ebenooo… quero dizer, Ebenezer.

— E eu sou uma besta. Por favor, és a minha única esperança… ajuda-me.



A Desbestização

— Que criatura… tão diferente de tudo o que já vi! Que beleza, que porte, que graciosidade! Mereces o mundo e eu vou certificar-me de que to dou.

Quinhentos anos mais tarde, Ebenezer estava mergulhado no seu banho matinal de espuma, a murmurar doçuras ao reflexo que via no seu espelho de bolso. No decurso dos séculos, percebeu que era muito mais fácil falar com espelhos do que com paredes — em especial, quando se tinha uma rotina rigorosa de poções e cuidados com a pele para um rosto belo como uma lua crepuscular.

— Porquê essa cara triste? — perguntou Ebenezer a si mesmo. — O banho matinal foi sempre uma ocasião feliz!

Durante a sua longa, longa vida, Ebenezer tinha tomado quase 186 275 banhos e todos eles haviam sido ocasiões deveras felizes.

Hoje, porém, algo não corria bem.

Para começar, o patinho de borracha de corda de Ebenezer estava desaparecido. Este era um duro golpe no procedimento habitual, pois Raphael tinha sido um patinho que fazia truques e entoava comoventes canções de marinheiros todas as manhãs desde que a besta o vomitara.

Depois, havia algo ligeiramente estranho no cheiro da casa de banho. Graças à besta, Ebenezer estava habituado a banhos de espuma e sais feitos com os melhores produtos em que um homem pode banhar-se, no entanto, havia um odor marcadamente barato e terrível a sair da espuma — como se alguém tivesse substituído os seus sais por detergente em pó para a máquina da loiça.

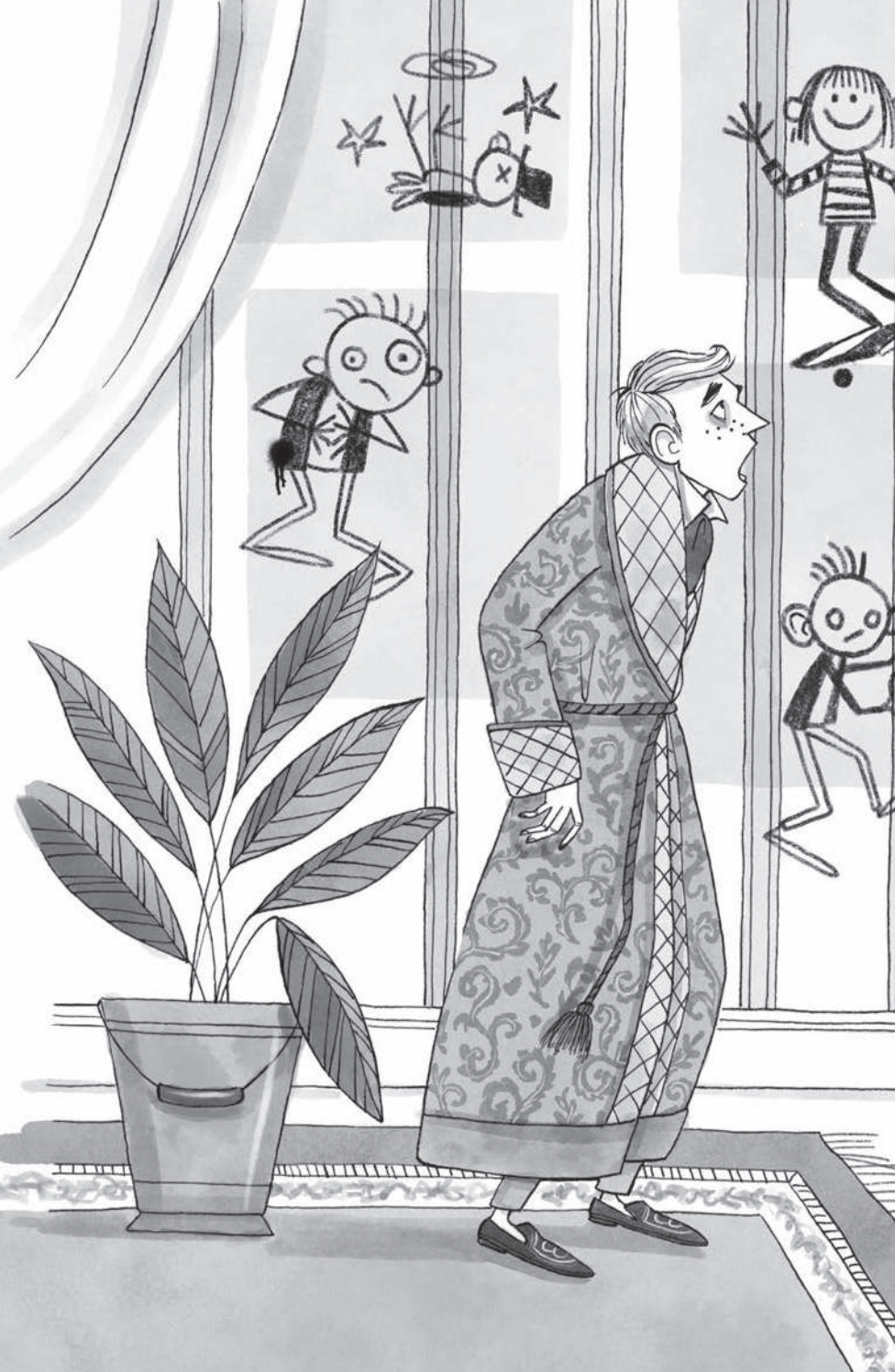
Em terceiro lugar, a última coisa e a mais perturbadora, havia uma mensagem esborratada, escrita com os dedos engordurados da Bethany, no seu espelho de bolso:

EI, PASPALHÃO, HOJE NÃO TENS TEMPO PARA BANHOS. HÁ UMA DESBESTIZAÇÃO A FAZER.

Claro que Ebenezer tinha ignorado a mensagem, porque era sua convicção de longa data de que havia sempre tempo para um banho. Acreditava que muitas vezes era preciso tomar um banho no momento exato em que as outras pessoas queriam levá-lo a crer que não havia tempo para ele.

Contudo, a mensagem continuava a ralá-lo e a irritá-lo, pois fazia-o pensar no que Bethany tinha planeado para o dia de ambos, e, por fim, a curiosidade acabou por levar a melhor. Encurtou o banho numas duas horas, pôs uma roupa de andar por casa, chinelos e um roupão, e começou a descer as escadas.

O trajeto encontrava-se semeado de confusão e perigos, uma vez que alguns objetos da casa de quinze andares pareciam ter decidido passear-se. A perplexidade ensombrou-lhe o rosto quando reparou que todo o recheio da suíte dos veludos havia sido substituído por cadeiras de jardim e pufes. A perplexidade deu lugar à comoção quando descobriu que a sua coleção preferida de lindos quadros fora retirada da parede. Em seu lugar, via-se uma seleção de rabiscos e bonequinhos de proporções inverosímeis grafitados no papel de parede e assinados por Bethany.



— Não, não, não! — lamuriou-se Ebenezer, correndo escadas abaixo para se dirigir a Bethany na sua voz «estou deveras aborrecido contigo». — O que diabo estás a fazer?

— Pergunta estúpida — disse Bethany. E tinha muita razão, pois era perfeitamente óbvio que ela estava a retirar o piano da sala pela frente da casa. — Vem ajudar-me, paspalhão. Temos de pôr isto na rua com a outra tralha toda.

— Nunca farei tal coisa! — exclamou Ebenezer. — Não vou ajudar-te a roubares-me.

— Não estamos a roubar-te, estamos a ajudar-te. Eu e a Claudette temos estado a trabalhar que nem doidas — disse Bethany.

Então, como que para provar o seu afã, Claudette, a papagaia-wintloriana-de-peito-púrpura, entrou em casa a voar. A sua fronte emplumada estava ligeiramente húmida de transpiração.

— Pronto, os últimos bules dançantes já estão arrumados, querida! — exclamou ela, abrindo as asas numa pose de «tcha-nã!» — Oh, olá, Ebenezer! A Bethany já te falou da nossa maravilhosa missão de desbestização?

— Desbestização? — perguntou Ebenezer.

— Pois — disse Bethany, muito terra a terra. — Desbestização.

Claudette enterrou as garras no piano e uniu-se a Bethany no esforço para arrastar aquilo para fora da sala. Não eram suficientemente fortes nem estratégicas para fazer mover o instrumento sem provocar grandes danos nas paredes e nos pavimentos.

— Porque é que precisamos de desbestizar? — perguntou ele. — A Claudette *matou* a besta e eu diria que isso já basta como desbestização, não?

— Como te atreves? Eu não sou nenhuma assassina! Só calhou comê-la por acidente e até ando a sentir-me muito mal, desde então — insurgiu-se Claudette, fazendo inchar o papo penugento.

— Não te sintas mal. A besta era um monstro malvado e terrível, que tentou comer-me! — disse Bethany.

— Oh, sim, sei disso, mas acho que não me compreendeste bem. Eu quis dizer que me tenho andado a *sentir* mal. Indigestão, ou algo assim. Há semanas que não sei o que é uma boa noite de sono — queixou-se Claudette.

— Ainda não estou a ver o que é que isso tem que ver com vocês andarem a surripiar as minhas coisas todas — disse Ebenezer.

— Não são as tuas coisas *todas*. É só a tralha que a besta vomitou para ti. A Claudette disse que seria bom para nós — disse Bethany. — Eu não quero olhar para toda esta tralha, e tu também não devias querer. Como este piano… lembras-te de quem deste a comer à besta, para o conseguires?

Ebenezer baixou os olhos para os chinelos, com uma expressão envergonhada. Para conseguir o piano, tinha dado Patrick à besta, outro papagaio-wintloriano-de-peito-púrpura, que, por acaso, era primo de Claudette. Claudette tinha-se mostrado muito compreensiva em relação a essa situação.

— Está bem, podemos vender o piano e talvez uma parte dos talheres banhados a ouro — concedeu Ebenezer. Juntou-se com relutância à operação de remoção do piano e, entre os três, conseguiram espremê-lo pela porta da entrada. — Mas não devemos entusiasmar-nos demasiado.

Uma vez lá fora, Ebenezer percebeu que elas já se tinham entusiasmado demasiado. O relvado estava coberto pelas várias ofertas que a besta vomitara ao longo dos cinco

séculos anteriores — todas as coisas que Ebenezer tinha pedido no início, pensando que podiam ajudá-lo a fazer amigos, e toda a outra tralha, nos séculos seguintes, que ele quisera apenas para si ou para causar inveja aos outros.

Lá estavam os sais de banho e também Raphael, o patinho de borracha de corda. Lá estavam os frigoríficos de sobremesas, uma árvore de Natal que se decorava a si mesma, um aspirador que lia mentes e limpava as divisões sempre que se pensava que estavam um pouco empoeiradas, televisores do tamanho de lençóis, um fato de astronauta — e muitas outras coisas estranhas e assombrosas. Ebenezer sentiu-se como se a sua vida com a besta estivesse em exposição, para todos verem.

— Bethany, estás a tentar matar-me, ou quê? — perguntou.

«O Ebenezer e a Bethany podem pensar
que me derrotaram, mas ninguém se livra
de mim assim tão facilmente.
Além disso, parece que sinto uma certa fome...»

Durante 511 desprezíveis anos, Ebenezer Tweezer manteve uma besta no seu sótão, alimentando-a com todo o tipo de objetos e criaturas. Em troca, a besta vomitava presentes caros e poções mágicas.

Agora que a besta desapareceu, Bethany e Ebenezer estão determinados a tornar-se bonzinhos e a desbestizar completamente as suas vidas. O problema é que ninguém confia numa miúda perita em partidas desagradáveis, como Bethany. E Ebenezer, lá no fundo, sente muita falta dos presentes vomitados pela besta.

Entretanto, alguém observa tudo a partir de um sítio inesperado. Alguém com muita fome...

Vira as páginas com cuidado... Este livro MORDE!

A bestialidade começa aqui:

Penguin Random House Grupo Editorial
penguinlivros.pt
penguinkidspt
penguinlivros
ISBN 9789897845840
9 789897 845840 >